

Vitrúvio

A tradução portuguesa por M. Justino Maciel

Referência fundadora do modo de conceber a arquitetura, a obra de Vitrúvio tem estado sempre presente, de uma maneira ou de outra, na consciência cultural europeia. Coube-lhe esse papel, não por ter sido o primeiro tratado sobre a matéria, longe disso, mas por ser o texto mais completo, neste domínio, sobrevivente da Antiguidade.

Além da dimensão e importância teórico-prática de que se reveste, nele se compilam, numa vasta explanação de carácter sistemático e densidade única, os dados essenciais da gramática do classicismo, recolhidos em larga medida de fontes gregas, hoje perdidas. Como ainda as práticas, os materiais, os saberes e as técnicas associadas à arte de construir dos edifícios e cidades do mundo helenístico-romano. Transmitido numa cadeia de cópias manuscritas até ao século XV, o interesse apaixonado dos humanistas e artistas do Renascimento levou, finalmente, a que fosse impresso, comentado e traduzido para as línguas modernas.

Com efeito, desde a “redescoberta” do texto completo (que é apenas uma revalorização), em 1416, na biblioteca monástica de S. Gall por Poggio Bracciolini, e, sobretudo, do estudo que lhe dedicou Leon Battista Alberti, que Vitrúvio se converteu num dos fundamentos da nova cultura. Editado pela primeira vez em Roma, num incunábulo cerca de 1486, por diligência do círculo do Cardeal Riario, a sua difusão aumentou exponencialmente, como se compreende, no *Cinquecento* italiano. Sendo a primeira edição ilustrada, de 1511, por Fra Giocondo em Veneza, e a primeira tradução, por Cesare Cesariano, dez anos depois, em Como.

Roma e Veneza foram, de resto, os principais centros de estudos vitruvianos durante este período, ocupados na filologia, reflexão teórica e investigação arqueológica comparada. Na cidade pontifícia se constituiria, até, a Academia *della Virtù*, dirigida pelo humanista Cláudio Tolomei, a eles inteiramente dedicada. Ligado a este grupo esteve o jovem Francisco de Holanda, quando da sua estadia entre 1538-41, outro profundo conhecedor do tratado, como mostrou Sylvie Deswartes. Nos famosos “Diálogos de Roma”, o livro segundo que complementa a sua “Da pintura antiga” (repleta de alusões vitruvianas), um dos intervenientes é mesmo Lactâncio Tolomei, embaixador de Siena e primo de Cláudio, a par do grande Miguel Ângelo e da marquesa de Pescara, Vittoria Collonna, todos participantes nesses colóquios em S. Silvestre do Quirinal.

Mas seria ao cosmógrafo-mor, o matemático Pedro Nunes, que D. João III confiaria a incumbência de traduzir Vitrúvio. Sabemo-lo pelo próprio, e da demora da tarefa, mencionada de passagem, em 1542, na dedicatória do seu “De crepusculis” ao rei. Versão não publicada e infelizmente perdida, esta era, como sublinhou Rafael Moreira, a primei-

ra tradução efectuada fora da península itálica. O facto criou um vazio não mais preenchido, ao contrário do que ia sucedendo nas outras línguas europeias. Em Portugal, só em 1998 (imagine-se!) teria lugar tal publicação, mas com base na tradução francesa de Claude Perrault, num trabalho meritório de Maria Helena Rua. Usando a segunda edição, de 1684, do livro do importante arquitecto do tempo de Luís XIV (responsável pelo projecto da colunata do Louvre), enriquecido com as suas anotações e ilustrações interpretativas, o Vitrúvio ali proposto não deixa de ser, apesar de tudo, um produto seiscentista.

Daí a importância da tradução de M. Justino Maciel. Docente de História da Arte da Antiguidade na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o autor reúne, pela sua formação, o domínio da língua latina e o conhecimento da problemática histórico-arqueológica abordada pelo arquitecto e engenheiro militar romano. O que lhe permitiu a tradução directa do original, num trabalho lento e metódico, de grande rigor filológico. Ora, é exactamente na filologia que reside a primeira dificuldade do tratado. Obscurecido e deturpado pelas cópias, empobrecido pelo desaparecimento das ilustrações, o texto original exprime-se no difícil latim arcaico do final da época republicana (na definição de Sílvio Ferri), distinto da luminosidade do latim literário contemporâneo. Reflexo provável da linguagem profissional, apesar de incorporar uma terminologia vinda da retórica, o estilo de Vitrúvio tem ainda subjacente os manuais gregos, sem que tenha sido

possível concluir se os conhecia na língua original, se mediante traduções latinas. Donde os problemas desde o início colocados à sua transposição para os idiomas modernos, abrindo campo para um vasto debate no domínio da teoria e da historiografia artística. Recorde-se, por exemplo, a discussão de Panofsky sobre o tópico da perspectiva centralizada na Antiguidade e o modo como Vitruvius o desenvolve.

Precedido de uma introdução, onde se produz o necessário balanço sobre a obra e a figura do autor, o volume faz acompanhar o texto de abundantes notas sobre os mais variados aspectos, desde os estritamente linguísticos aos históricos, artísticos e arqueológicos. Seguido, depois, de índices bastante pormenorizados (de conteúdos, onomástico, geográfico, de divindades) e, sobretudo, de três úteis repertórios de termos gregos, latinos e técnicos. Graficamente cuidado, insere ainda, além das fotografias, uma extensa série de ilustrações, concebidas pelo Prof. Thomas N. Hobe para a recente edição da Cambridge University Press, de notável apuro e valia científica.

Dirigida não apenas aos arquitectos, historiadores, arqueólogos ou técnicos de conservação e restauro, mas a todo um vasto público culto e interessado no património artístico, a tradução agora dada à estampa passará também a ser, seguramente, uma obra de referência. Talvez venhamos a conhecê-la, no futuro, como "o Vitruvius de J. Maciel".

CARLOS MOURA,
Historiador da Arte,
Docente na FCSH-UNL



SIVAL

A SIVAL - Sociedade Industrial da Várzea, Ld.^a, casa-mãe do Grupo SIVAL, iniciou a sua actividade em 1944, com a fabricação de gessos tradicionais para estuque e esboço.

O posterior alargamento das suas áreas de negócio deu origem, em 1987, à empresa SIVAL Gessos Especiais, Ld.^a, que se dedica essencialmente à fabricação de massas de estucar pré doseadas, com base em gesso, prontas a amassar com água. Em intervenções de Conservação e Reabilitação de revestimentos interiores de paredes, têm-se destacado essencialmente dois dos seus produtos: a **MASSA ESTUQUE**, para casos mais graves, que necessitam de reparações mais extensas e/ou profundas e a **MASSA DE ACABAMENTO**, ideal para a reparação de

fissuras e barramentos em camada pelicular.

Em ambos os casos, pode obter-se um acabamento idêntico ao do estuque tradicional, de elevada durabilidade e prestações mecânicas superiores. Existe, também, uma excelente compatibilidade entre estes materiais e os normalmente usados nos suportes antigos, razão pela qual têm sido amplamente usados neste tipo de intervenções.

SEDE: Rua Rodrigues Cordeiro, 34
2400-216 Leiria
Tel. 244 815 054 • Fax: 244 815 063
E-mail: escritorio@sival.pt
FÁBRICAS: Rua Emídio Oliveira Faria
2425-879 Souto da Carpalhosa
Tel. 244 619 170 • Fax: 244 614 690
E-mail: fabricas@sival.pt

